

# “EU SOU DO PAMPA, O PAMPA SOU EU”: UMA ANÁLISE DE NARRATIVAS DE MULHERES AMBIENTALISTAS DO PAMPA GAÚCHO<sup>1</sup>

Juliana Corrêa Pereira Schlee<sup>2</sup>

Paula Corrêa Henning<sup>3</sup>

Paula Regina Costa Ribeiro<sup>4</sup>

**Resumo:** No presente artigo buscamos como foco principal analisar as narrativas de mulheres ambientalistas do sul do Rio Grande do Sul, que articulam natureza e cultura no pampa, marcadas pelo *Sentimento Pampeano*. Os caminhos teóricos e metodológicos foram tramados a partir de autores como Michel Foucault, Félix Guattari e Gilles Deleuze buscando um pensamento minoritário para as análises das narrativas nas relações entre mulheres, pampa e natureza. Através de tais ditos, foi possível perceber que estas mulheres narram a suas relações com a natureza e a educação ambiental atravessadas, mobilizadas por um sentimento, que denominamos *Sentimento Pampeano* e que possui vestígios da nossa cultura e história do pampa gaúcho.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Mulheres; Pampa.

## “I am from the pampa, the pampa is me”: an analysis of the narratives of women environmentalists from the Pampa

**Abstract:** This article has as its main focus analyzing the narrative of female environmentalists from the South of Rio Grande do Sul, that articulate nature and culture from the pampa, marked by the *Pampeano Feeling*. The Theoretical and methodological paths were influenced by authors such as Michel Foucault, Félix Guattari e Gilles Deleuze searching for minority problems for the analysis on the narrative of the relations between women, pampa and nature. Through the ones said, it was possible to notice that these women narrate their relation with nature and environmental education mobilized, crossed by a feeling which we named *Pampeano Feeling* and such possesses traces of our culture and history of the gaúcho pampa.

**Keywords:** Environmental Education; Women; Pampa.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande ([julianaschlee@gmail.com](mailto:julianaschlee@gmail.com))

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande ([paula.c.hemming@gmail.com](mailto:paula.c.hemming@gmail.com))

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio Grande ([pribeiro.furg@gmail.com](mailto:pribeiro.furg@gmail.com))

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo faz parte de uma investigação tecida no interior de um grupo de pesquisa cujo objetivo principal foi problematizar como as mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram a sua relação com a natureza e a educação ambiental. Para isso, aprimoramos a escuta das vozes narradoras de mulheres ambientalistas as experienciam no cotidiano do pampa gaúcho, suas relações com a natureza e com a educação ambiental.

Nos entrelaçamentos entre Pampa e Educação Ambiental que a escrita foi tecida, de modo a provocar o pensar acerca de como somos atravessadas enquanto educadoras ambientais pelos interstícios culturais, históricos, ambientais, sociais e estéticos do pampa. O presente trabalho foi embasado sob o aporte teórico de Michel Foucault, Félix Guattari e Gilles Deleuze, no desejo de potencializar o pensar sobre o que somos, como somos, além de suspeitar do que alimenta nossa existência, como mulheres, como educadoras ambientais, como pampeanas e como natureza. Abordamos, nessa pesquisa, o conceito de um devir-menor (DELEUZE; GUATTARI, 2003) ao olhar para as vidas infames do pampa, para as vias de singularização de educação ambiental/educações ambientais produzidas nos interstícios do pampa gaúcho.

O artigo está organizado em três momentos: no primeiro, traçamos os caminhos teóricos e metodológicos, a partir de uma investigação narrativa com três mulheres ambientalistas do pampa; no segundo momento, buscamos analisar as narrativas que articulam natureza e cultura no pampa, marcadas pelo *Sentimento Pampeano*, e, no terceiro momento, finalizamos ao alinhar as últimas considerações.

## ECOLOGIA MENOR: MOVIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Pôr em movimento *uma* menor das ecologias é montar uma máquina de máquinas de escritura, de pintura, de sons (GODOY, 2008, p. 27) [grifo da autora].

Nesta seção em que buscamos apresentar ao(à) leitor(a) a metodologia empregada na pesquisa, detalhamos algumas decisões e escolhas. Uma delas é colocar em movimento a menor das ecologias, tal qual uma máquina de máquinas de escritura, pintura e sons, ao olhar para as coisas ínfimas que compõem o cotidiano de mulheres ambientalistas no pampa gaúcho, bem,

como ao buscar problematizar como essas mulheres narram suas relações com a natureza e com a educação ambiental.

Conforme destaca Ana Godoy, em seu livro “A menor das ecologias” (2008), é preciso ir mais longe, propondo-nos uma viagem, uma experimentação, afastando-nos de uma referência, da ecologia maior: “pretende-se manter uma relação tensa e intensa entre continente e arquipélago, a ecologia maior e a menor das ecologias, a vida que a ecologia produz e as ecologias que a vida, em seu movimento, inventa” (p. 22), uma relação intensa em busca de menores ecologias no cotidiano do pampa. A ecologia maior é entendida como um conhecimento sobre a vida, que a limita, o qual a conserva. Já a menor das ecologias procura a expansão da vida, a criação, ou seja, aponta em direção à bruma, que somente com um pensamento intempestivo e ativo é capaz de liberar devires, inventando outras maquinações.

Ao olhar para os interstícios da educação ambiental que é tecida no cotidiano do pampa, fomos atrás dessas menores ecologias, afastando-nos da noção de educação ambiental como maior, como solução dos problemas que enfrentamos (HENNING e SILVA, 2018). O intuito foi, justamente, contrariar o presente, contestar, inventar desvios nas quais outras e novas conexões acontecem. O intuito é olhar para o trabalho realizado por mulheres ambientalistas, pampeanas e infames, nesses interstícios das coisas menores. Poderíamos considerar ser essa uma menor ecologia? Se olharmos com desconfiança e provocando nossas mais sólidas verdades, pensamos que sim. Esforçamo-nos para mirar lá, um lugar para o qual poucos pesquisadores lançam seu olhar...

Acompanhadas de Foucault (2003), em seu texto sobre “A vida dos homens infames”, provocamo-nos a pensar na vida de algumas mulheres infames do pampa. Trata-se de mulheres que não são notadas, narradas na história oficial do Rio Grande do Sul, mas que têm sua contribuição na fabricação do território pampeano. De acordo com Foucault, a existência dessas vidas, “não tendo sido nada na história, não tendo desempenhado nos acontecimentos ou entre pessoas importantes nenhum papel apreciável” (2003, p. 205), os infames são personagens que misturam o real e a ficção, que não fazem parte de uma história oficial, universal, de heroísmo e de glória. Olhar para essas mulheres é também um modo de narrar outras histórias do pampa, para além das histórias masculinas as quais, notadamente invadem a “história oficial” desse território.

A partir de um exercício filosófico buscamos um devir-menor ao olhar para as vidas infames do pampa. Nesse intento, trouxemos, para a pesquisa, o devir-menor, fruto do pensamento filosófico de Gilles Deleuze e Félix Guattari que, ao definirem a literatura menor na obra “Kafka – por uma literatura menor” (2003), analisaram três principais características: desterritorialização da língua, ramificação política e valor coletivo. Nesse sentido, buscamos nos aliar a estes autores e a menor das ecologias, tal como Ana Godoy (2008), traçando estratégias para pensar as narrativas sobre educações ambientais produzidas e ensinadas no entremeio do pampa gaúcho. Ao desterritorializar, focamos nosso olhar não mais em normas, leis e documentos internacionais e nacionais que constituem o campo da educação ambiental maior, mas sim de forma a mirar em um devir-menor nas narrativas de mulheres ambientalistas pampeanas que ensinam no seu dia a dia.

É nesse diálogo intempestivo que o pensamento minoritário de Foucault-Nietzsche-Deleuze-Guattari que Ana Godoy (2010) traz provocações para o campo da educação ambiental ao afirmar seu caráter criador, experimental, problematizando a própria moldura.

O ato de criação implica, portanto, que a criação no pensamento ressoe com os processos de criação em nós. Que a abertura no pensamento para as forças no mundo ressoe com a abertura de nossos territórios existenciais. Que a diferença na sensibilidade se encontre com a diferença no pensamento e que a estranheza que experimentamos em nós mesmos como incômodo ou perturbação nos force a pensar, a sentir e a perceber de outro modo; nos force a criar outros modos de existência, novas possibilidades de vida que expressem esse encontro com as forças no mundo escapando ao modelo teórico, político, existencial e institucional em que circulamos. Aí o pensamento está a serviço da vida em sua potência criadora. Aí já não é mais o pensamento que avalia a vida, mas é a vida que avalia o que pensamos, fazemos e dizemos segundo os modos de existência neles envolvidos (GODOY, 2010, p. 211).

Nosso desejo é realizar um exercício filosófico de potencializar o pensamento a respeito da vida, a vida no pampa, a vida ambientalista, de pensar quem somos, em que mundo habitamos, que mundos habitam em nós. Na trama das narrativas das mulheres ambientalistas do pampa gaúcho, dispomos a estar atentas às singularidades por elas vividas, às experiências de vida as quais, uma vez criadas, expandem modos de ser e de estar pampeanos, e que experienciam educações ambientais no cotidiano.

As mulheres ambientalistas e suas relações com a natureza e com o pampa foram o mote principal desta pesquisa. Como corpus empírico, delimitamos as narrativas de três mulheres ambientalistas. Elas se constituem como educadoras ambientais, ao nos contarem suas histórias de vida e suas experiências vinculadas à educação ambiental, em um processo de construção de sentidos de si, dos outros e do contexto cultural e histórico em que estão inseridas.

Realizamos uma investigação narrativa, valendo-nos de um método de investigação qualitativo utilizado em pesquisas na área educacional, em que há uma interação entre o(a) pesquisador(a) com o sujeito pesquisado e o contexto social e cultural. As experiências de vidas narradas são objetos de análise desse método que investiga como os seres humanos experienciam o mundo.

El valor central de la investigación narrativa deriva de la cualidad de sus “temas”. La narrativa y la vida van juntas y, por tanto, el atractivo principal de la narrativa como método es su capacidad de reproducir las experiencias de la vida, tanto personales como sociales, en formas relevantes y llenas de sentido (CONNELLY e CLANDININ, 1995, p. 43).

Os caminhos metodológicos, por intermédio da investigação narrativa, mostraram-se potentes ao que se pretendeu nesta pesquisa, isto é, olhar para as narrativas de mulheres ambientalistas e suas relações com a natureza e o pampa gaúcho. Segundo já mencionado, narrativa e vida vão juntas e aqui vemos a importância dessa metodologia para este estudo.

As participantes que colaboraram na construção desse estudo são três mulheres que educam ambientalmente em diversos espaços educativos<sup>5</sup>, as quais vivem entre o espaço urbano e rural do pampa gaúcho, nos municípios de Arroio Grande, de Herval e de Pelotas, interior do Rio Grande do Sul, Brasil. Elas atuam como ambientalistas em organizações não governamentais de âmbito internacional e regional, denominadas como Núcleo Amigos da Terra Brasil, ONG Pachamama e Grupo Ecológico Amantes da Natureza. No intuito

---

<sup>5</sup> Entendemos por espaços educativos todos aqueles locais que ensinam, que possuem uma pedagogia, ou seja, espaços sociais implicados na produção e no intercâmbio de significados. A educação ocorre em diversos espaços sociais, tais como: universidade, escola, mídia, família, instituições religiosas, jurídicas, de saúde e de trabalho, entre outras.

de preservarmos a identidade das participantes, elas elegeram seus codinomes, a saber: Lala, Aradia e Dona Corunilha.

As experiências de vida dessas mulheres e suas relações com a natureza e a educação ambiental foram o foco da Charla do Pampa, uma roda de mate, entre as três participantes e a pesquisadora. Durante a charla, potencializamos, com estas mulheres-narradoras um espaço para pensarmos acerca de três temas: relações com a natureza no pampa, relações mulheres-natureza, homens-natureza, além de sobre as educações ambientais possíveis.

Nesse momento foi possível tensionar com elas alguns artefatos culturais potentes que pudessem disparar o pensamento, articulando a arte e a filosofia. Os artefatos culturais foram escolhidos a partir de pesquisas desenvolvidas no interior do grupo de pesquisa que alimentou esse estudo: as fotografias encontradas na investigação de SCHLEE (2018), as músicas pampeanas pesquisadas por VIEIRA (2017), assim como também trechos literários e poesias.

Trabalhar com a investigação narrativa é um desafio. Assim, suspendemos a pretensão de desvendar algo oculto nas conversas, detendo-nos a olhar para o que essas mulheres expressam nas suas narrativas, marcadas por modos de ser e de se sentir pampeanas.

No entanto, pensamos na potência de criação possível, mirando ecologias menores que se fabricam nos interstícios da história pampeana. Como se constituem as relações entre natureza e mulheres ambientalistas do pampa gaúcho? Que educações ambientais são essas colocadas em funcionamento por essas mulheres? São com esses estranhamentos e provocações que nos munimos para voltar a campo e travar conversas, narrativas e mates junto a essas três mulheres.

## **VIDAS NARRADAS: NA TRAMA ENTRE CULTURA E NATUREZA PAMPEANA**

Nesta seção, pretendemos focar nas narrativas dos sujeitos do estudo, sem a pretensão de interpretá-las. Objetivamos, na realidade, trazer à tona as experiências de vida, as memórias e os modos de vida que constituem estas mulheres ambientalistas do pampa. O material em análise compreende uma gama riquíssima de narrativas, as quais potencializam as discussões no campo de saber da Educação Ambiental.

De que maneira nos tornamos sujeitos pampeanos? Que discursos vão fabricando modos de ver e de viver o pampa, a natureza e a cultura? Aceitamos o convite de Michel Foucault e tratamos de “descer ao estudo das práticas concretas pelas quais o sujeito é constituído na imanência de um campo de conhecimento” (2006, p. 237).

A partir das narrativas e das experiências contadas, observamos uma educação ambiental que atravessa a vida cotidiana dessas mulheres. Essa educação se dá nas relações com a família, com os amigos, com a natureza e com o pampa. Isso nos remete a pensar uma educação ambiental que ensina comportamentos cotidianos, que vão nos subjetivando a ter determinadas ações frente ao pampa<sup>6</sup>, frente à natureza, frente ao Planeta.

Somos pesquisadoras e mulheres-narradoras, educadoras ambientais atravessadas por uma educação ambiental maior e menor, de modo a existir um cruzamento ou um entrelaçamento. Somos capturadas por discursos maiores atrelados à educação ambiental, e também há respiros possíveis através dessas práticas, como essa charla, em que a filosofia se atravessou com provocações e questionamentos.

Nas narrativas, é perceptível a recorrência uma relação de afeto pelo pampa, um sentimento de pertencimento e de amor sendo enaltecido a todo o momento: “amor pelo lugar”, “amor pela terra”, “viver com e não contra”, “eu sou do pampa, o pampa sou eu”, “aqui é o meu lugar”. Há um sentimento que é narrado, afirmado e vivido por essas mulheres, ao nos contarem suas experiências de vida e suas memórias, em um processo de construção de sentido de si. Nesse ponto, lembramos Connelly e Clandinin (1995, p. 43) “la narrativa y la vida van juntas”!!!

Ao narrarem seus sentimentos e suas experiências, elas dão-lhes significado, produzem subjetividades, tanto em suas constituições enquanto sujeitos, quanto na trama em que estão inseridas. A partir das narrativas analisadas, o *Sentimento Pampeano*, tal como foi denominado por nós, pode ser compreendido como uma maneira de ver e de pensar através de uma

---

<sup>6</sup> O Pampa passa a ser compreendido por nós, como um território inventado, fabricado, constituído de histórias, de significações e de experiências vivenciadas, preenchido de pessoas e de paisagens naturais-culturais que vem fortemente fabricando sujeitos, bem como modos de viver e de ser.

sensibilidade diante do pampa, a qual pode nos potencializar a pensar nossas relações com a natureza. No entanto, não se trata de um sentimento a ser adquirido por uma massa coletiva de mulheres, mas sim de um sentimento vivido e narrado pelas experiências das mulheres que fizeram parte dessa pesquisa. Trata-se de um sentimento singular, tramado pelas suas histórias, pelas suas experiências, por seus modos de vida, pelas maneiras como são afetadas e se deixam afetar pelas vivências pampeanas que as produzem.

Como umas das condições de emergência para que o *Sentimento Pampeano* seja assíduo nas falas das mulheres-narradoras, esse se constrói por uma trama que está intrinsecamente relacionada com à história e à cultura do pampa do Rio Grande do Sul que operam na constituição desses sujeitos e que são marcados por modos de se relacionar com a natureza.

A seguir, é destacada uma escrita poética construída a partir das narrativas de Aradia, Dona Corunilha e Lala. São fragmentos que mostram a sensibilidade estética pampeana na construção do *Sentimento Pampeano*:

*aquele horizonte  
um lugar com gente  
que se integra que é parte e a natureza é parte dele  
sair quebrando geada  
o pampa sou eu  
não existe ser pampeano sem o pampa,  
não existe pampa sem o ser pampeano  
o Pampa dentro de mim,  
esse sentimento do Pampa  
um sentimento, um amor pelo lugar<sup>7</sup>.*

As palavras nos tocam, ressoam, tremem, tramam, tecem-nos. Em função disso, constituem-nos. No compilado de frases das narrativas, iniciamos a olhar algumas verdades que constituem o *Sentimento Pampeano*, ou seja, há nelas ressonâncias de uma sensibilidade estética pampeana nos modos de ser e de viver no pampa gaúcho.

---

<sup>7</sup> Os excertos das narrativas das mulheres estão em itálico para diferenciar dos excertos do campo teórico apresentados no artigo.



Nos fragmentos das narrativas das mulheres ambientalistas, podemos notar que há marcas de uma articulação muito forte entre cultura e natureza. O pampa não existe sem cultura, logo ele é produzido e moldado por esse entrelaçamento entre natureza e cultura. Assim como o ser pampeano, somos efeito e produto, mais do que origem e fonte (FONSECA, 2003, p. 79).

A partir dos ensinamentos foucaultianos, entendemos que a constituição dos sujeitos é tramada por processos de objetivação e de subjetivação, os quais se articulam mutuamente. Os modos como posicionamos os sujeitos como objetos, no desejo de conhecê-los cada vez mais para melhor governá-los, constituem e concorrem para formação dos indivíduos. Ainda, a subjetivação também produz esse humano, uma vez que o posiciona em uma trama histórica e o captura em uma suposta fabricação livre de sua constituição.

Dessa forma, os processos de objetivação e subjetivação a que Foucault se refere constituem procedimentos que concorrem conjuntamente na constituição do indivíduo. Os primeiros fazem parte dos estudos em que Foucault se dedica a mostrar as “práticas que dentro da nossa cultura tendem a fazer do homem um objeto”, ou seja, os estudos que mostram como, a partir dos mecanismos disciplinares, foi possível constituir o indivíduo moderno: um objeto dócil e útil. Os segundos, por sua vez, localizam-se no âmbito dos trabalhos em que Foucault procura compreender as práticas que, também dentro da nossa cultura, fazem do homem sujeito, ou seja, aquelas que constituem o indivíduo moderno, sendo ele um sujeito preso a uma identidade que lhe é atribuída como própria (FONSECA, 2003, p. 25) [grifo do autor].

Nesta pesquisa apresentamos mais ênfase às formas de subjetivação, às formas de constituição do sujeito em que ele se reconhece como “eu sou do pampa, o pampa sou eu”, destacando o modo de ele se posicionar, de se constituir, de ser e de viver a partir de um *Sentimento Pampeano*. Isso se concretiza, quando as relações de forças que o poder exerce sobre os menores espaços da vida individual e social produzem ideias, palavras e ações frente às questões socioambientais do pampa.

[...] a formação do sujeito pampeano está ligada às relações de poder aí estabelecidas e que produzem condições de possibilidades de uma estética ou outra. Os modos de produção de subjetividade implicam em experiências, formas de vida, formas de fazer as coisas e de pensá-las (SCHLEE, 2018, p. 95).

A produção dos pensamentos, dos discursos e das atitudes em relação ao ambiente - o pampa - dá-se pela capilaridade e difusão das relações de força, que podem ser entendidas como micropoderes, constituindo modos de ser mulheres, pampa e natureza. Nesse sentido, não há unidade nem um sujeito dado definitivamente, porém existe a possibilidade de se refundar historicamente o que compreendemos como seres pampeanos, como mulheres, ou mesmo como ambientalistas, por exemplo.

Nas narrativas desta seção, podemos notar a existência de um entrelaçamento: a natureza e a cultura no pampa. A união entre esses dois elementos é visível também em outras referências, como na música pampeana (VIEIRA, 2017), na literatura, na fotografia (SCHLEE, 2018) que vão fabricando modos de se relacionar com o território pampeano.

Os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos. Podemos compreender, portanto, que em diferentes tempos e espaços são configuradas inúmeras formas de vermos e lermos a natureza, e de estabelecermos relações com ela. Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros e, ainda, nossas escolhas cotidianas, tudo isso, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura (GUIMARÃES, 2008, p. 87).

Cotidianamente, ao compartilharmos significados por meio da cultura, vamos aprendendo a ler e ver a natureza, vamos estabelecendo nosso lugar no mundo (GUIMARÃES, 2008). No desejo de possibilitar pensar em outros modos de relações com o pampa, trouxemos para a Charla do Pampa a música “Oveiro Picaço”, de Lizandro Amaral (2005), e uma sequência de fotografias. Após as mulheres participantes do estudo escutarem a música e observarem as fotografias, lançamos alguns questionamentos: Quais as relações entre os habitantes do pampa e a natureza? Como podemos compreender o que é natureza e cultura no pampa?

Na fala de Dona Corunilha, o horizonte é referido como um elemento natural, que marca o pampa ao longo da história e da cultura. Ela ressaltou a importância desse na maneira como vemos e narramos a natureza, colocando o horizonte como marca presente no ambiente rural pampeano, composto de planuras e campo nativo, e a sensação de falta de horizonte na cidade quebrada pela verticalidade das casas, dos prédios e dos postes. Além disso, observamos a

potência dessa narrativa para as discussões acerca da Educação Ambiental, ao ser abordado o elemento humano para a constituição do pampa, ou seja, como aquele que se sente pertencente a esse território, que se concebe pampeano a partir de suas leituras e olhares a respeito do pampa, sobre a natureza e acerca da cultura. Nesse contexto, vidas se fabricam como natureza e como cultura, sendo nós sujeitos e assujeitados por esses elementos, naturais e culturais, produzindo modos de viver contemporâneos:

*Eu ia dizer assim, que nas primeiras fotos eu senti falta de gente. Porque tem muito assim de quando a gente fala de pampa é aquele pampa assim, aquele horizonte, que é uma coisa supermarcante e que é superimportante, né. E quando a gente sai, eu mesmo quando estou na cidade eu, porque parece que falta horizonte, que tá faltando horizonte, falta horizonte, né. **Mas ao mesmo tempo um lugar com gente, né, tem muita gente, e aí quando tu olha...** Tem a minha vizinha, eu digo e brinco com ela: - Eu quero trazer todos os discursistas ambientalistas, preservacionistas, conservacionistas para vir conhecer a tua casa e ela: "Por quê?" Porque a senhora mora há setenta anos, uma vida inteira e o mato só aumenta, vive com o fogão à lenha o ano inteiro e o mato só aumenta. Tem gado a vida inteira e o mato só aumenta. O que que essas pessoas que não conhecem aonde a gente vive vem meter o bedelho aqui? De saber como que é melhor ou não o jeito da gente mexer com o lugar e ver o quanto é importante ver que as pessoas estão no meio do processo, e só existe porque tem gente, porque se não tivesse gente nós não íamos estar dialogando sobre isso (Dona Corunilha, 2018) [grifo nosso]*.

Na narrativa anterior, são referidos saberes necessários, os quais fabricam modos de viver pampeanos, em uma coexistência e co dependência entre o pampa e o ser humano. Desse modo, um dependeria do outro para continuar a viver e a existir. Ressaltamos que a narradora diferencia os referidos saberes de outros, presentes nas falas de ambientalistas, voltados à preservação e à conservação dos elementos naturais. Esses dois elementos - preservação e conservação - são noções pertencentes à ecologia, mas também ao campo da educação ambiental, tradicionalmente atribuídas a uma corrente naturalista

---

<sup>8</sup> Os excertos da *Charla do Pampa* estão em itálico para destacar das demais citações. Após, encontra-se o nome fictício da mulher pampeana, seguido do ano de realização desse encontro.

(SAUVÉ, 2005). Há aqui um importante delineamento em que o próprio discurso de educação ambiental vai se constituindo e se modificando de diferentes maneiras ao longo do tempo, a partir da valorização de outros saberes e conhecimentos necessários para a construção de relações com a natureza na atualidade. Tanto preservação quanto conservação da natureza demarcam um modo bastante característico do campo da educação ambiental, ações que posicionam o humano como aquele responsável pelo cuidado e pela proteção da natureza. Preservar e conservar são aspectos que compuseram e ainda compõem a história da Educação Ambiental (GODOY, 2000).

Na continuidade das narrativas podemos identificar a forma como os elementos humanos e não humanos se tramam como tentos de couro na artesanía do guasqueiro<sup>9</sup>, um contexto no qual natureza e cultura fazem parte do outro:

*É eu vejo assim a natureza e a cultura, e aquele homem assim que se integra que é parte e a natureza é parte dele e desenvolve as suas artes, as suas habilidades. O guasqueiro, eu tenho olhado muito esta questão da artesanía... que é o guasqueiro, é a mulher fiandeira, é o homem que sabe o campo com suas lides, cuidando dos cordeirinhos que estão nascendo... (Aradia, 2018).*

*Bom é justamente ver a natureza e a cultura, e aí tem o couro que tá ali, eu vou tirar um tento, vou fazer uma trama e aí vejo o guasqueiro (Aradia, 2018).*

*E pela necessidade mesmo o homem foi criando essa cultura de trabalhar o couro, e trabalhar, com a necessidade dele que ele foi criando. Olha tudo que ele faz com o couro é incrível, né. Essa cultura que vai ficando, né (Lala, 2018).*

A cultura se mescla com a natureza, assim como o couro cru manuseado pelo ser humano, modificando-se, na potência de criar por meio da arte. Desse modo, a maneira como nos constituímos seres pampeanos foram moldadas por acontecimentos e por atravessamentos que deixaram, em nós, marcas históricas e culturais. Ao manusear o couro cru e tramá-lo para então fazer o laço e os aperos necessários para as lidas campeiras, o ser humano e o cavalo mutuamente constroem uma relação estrita de companheirismo e de trabalho.

---

<sup>9</sup> Artesão que utiliza como matéria prima o couro cru.

As narrativas apresentadas pelas participantes trouxeram um significativo exemplo para pensarmos nas relações sociais, culturais e históricas que vão fabricando maneiras de se relacionar com a natureza no pampa gaúcho.

Na continuidade, as músicas pampeanas foram o motivo para as próximas narrativas sobre cultura e a respeito da natureza no pampa. Ao trazer a música “Oveiro Picaço”, de Lizandro Amaral (2005), para a Charla, notamos que alguns trechos da composição musical foram mais falados pelas mulheres: *Porque morrer não consome/Quem fez do campo querência/(...) Os meus silêncios tropeiros/Saberá meu pingo oveiro/O que diz o meu cantar* [grifo nosso].

Nessa situação, evidenciamos a potência da arte e da filosofia, conforme afirmam Vieira, Henning e Rodrigues (2018, p. 202), e “compreendemos que a música pampeana se constitui como uma potente ferramenta que, articulada a uma atividade filosófica, é capaz de nos provocar o desejo de pensar sobre nosso próprio pensamento”.

A música faz parte da construção cultural do pampa a partir da evocação de elementos naturais-culturais, tais como a relação cavalo-humano, o vento pampeiro, o silêncio, o campo querência, a geada, o amor pela terra. Por meio da canção, são ensinados a nós modos de viver nesse território, com marcas históricas e culturais nas relações humano-natureza.

*Porque cultura também é essa é esse homem que se inspira e que cria esta música, o que faz uma poesia, o que é o repentista* (Aradia, 2018).

*E quando a gente pega, a gente escuta muita música nativista, e aí a gente pega e vai olhando assim...com esse olhar ...de ver o quanto isso vem mudando e o quanto é interessante de conhecer e eu sempre falo para eles é a nossa história, é a nossa história, não interessa se era ruim ou bom, era a nossa história, a gente tem que conhecer a nossa história, para a gente entender como foi a realidade que a nossa vó viveu, que nossa bisavó viveu e para a gente entender como a gente chegou até aqui e valorizar o caminho das pessoas que passaram, né. Então, a gente pega muito nesse processo...(Dona Corumilha, 2018).*

A nostalgia proporcionada pela audição da música também contribuiu para a associação com elementos de uma paisagem fria e invernal: *a geada, eu tinha que passar por uma sanguinha para ir para o colégio, que a gente morava*

*bem ali na vila, coisa boa sair quebrando geada* (Lala, 2018), lembranças da infância narradas por Lala ao escutar a letra da canção. Nesse contexto, é importante evidenciar que:

Talvez, poderíamos dizer que essa paisagem invernal constitui um ideário do Pampa rio-grandense, de nossa cultura, de nossa música. Mesmo para aqueles gaúchos que sempre moraram em grandes centros urbanos, ou seja, longe da região da campanha, há um imaginário de que essa paisagem representa o sul do país, assim como para própria constituição dos sujeitos gaúchos (VIEIRA, 2017, p. 77).

O ambiente natural lembrado como a paisagem fria, é recorrente nas músicas, nas fotografias, nas narrativas dessas mulheres, mesmo que esse bioma inclua outros elementos da paisagem. É um ideário do pampa que constitui os próprios sujeitos pampeanos, de acordo com o que podemos observar na narrativa que segue:

*Mas nós nascemos lá. Mas quando a gente chegou aqui, eu me senti e me sinto até hoje muito daqui. Como se eu nunca tivesse saindo daqui. Mas o que me encanta e viajo bastante e tal. Mas o que me encanta aqui é que o bioma é muito presente na vida, tipo assim, essa invernara em agosto, isso é típico de agosto, só quem sabe é que mora aqui e que sabe* (Dona Corunilha, 2018) [grifo nosso].

Há um sentimento de pertencimento, o que chamamos de *Sentimento Pampeano*, valorizado a todo instante nas narrativas, um sentimento que envolve as relações de pertencimento ao lugar, o amor pela terra, em uma estreita relação humano e natureza, em que ambos são fabricados e construídos. A partir disso, fomos provocadas a pensar: como essa aliança se constituiu? De que forma o modo de ser pertencente a esse território vai se fabricando? Que evidências históricas e culturais emergem a partir disso? Poderíamos ainda mais, provocar-nos a pensar sobre quais verdades nos fabricam? Essas são marcas não somente da história do Rio Grande do Sul, mas também marcas e fundamentos contemporâneos da educação ambiental.

*Agora bem recente né. Faleceu o Paixão Côrtes e eu me lembrei que eu fiz uma oficina com ele e ele falava: o homem a cavalo enxerga 360 graus, tu gira, o olhar dele e essa amplidão do horizonte né. Quando tu comentou da mata. Quando eu entrei na Floresta Amazônica, né, aqui começa a fechar, fechar, duas horas de caminhada, três horas de caminhada e começa a fechar e*

*ai eu pensei: eu sou do pampa (trisos). Eu sou do pampa, o pampa sou eu.(...) Mas eu gosto de enxergar essa imagem assim, e isso que traz a cultura. Essa visão que faz o homem, mesmo o homem solitário, o homem, ele vai entramando, né, sobre música, sobre arte (Aradia, 2018) [grifo nosso].*

Essa narrativa recorda o tradicionalista Paixão Côrtes que, por meio de livros, cursos e oficinas ensinava a tradição, a cultura e a história do Rio Grande do Sul. A imagem de Paixão Côrtes está eternizada na “Estátua do Laçador”, confeccionada pelo artista Antônio Caringi. O monumento é considerado o símbolo do Rio Grande do Sul (Lei Estadual 12.992/2008), tendo como modelo o tradicionalista, cuja imagem reflete o típico homem do pampa, aquele com laço, bombacha, botas de garrão e lenço.

É necessário destacar que o olhar do humano sobre o cavalo se dá como elemento fundamental para enxergar a “amplidão do horizonte”. Nessa estreita relação, humano e não humano, vamos subjetivando modos de ser pampeanos, pois a maneira como olhamos e narramos o pampa se dá a partir de significações e de experiências vividas histórica e culturalmente.

Esse lugar do Rio Grande do Sul, marcado pela amplidão, pelo horizonte e pelo relevo pouco acidentado, pode revelar também um passado rural estanceiro e pecuário, já que nele, hoje, existe uma diversidade e uma multiplicidade de pessoas habitando, além de cidades, estradas, lavouras e muito mais. As narrativas mostram uma paisagem pampeana marcada por esse horizonte, mas que “tem gente”, “muita gente” como nos fala Dona Corunilha no início desta seção, fornecendo pistas contemporâneas sociais e ambientais do pampa.

São significações culturais tais como essas que vão mostrando pistas para a compreensão do *Sentimento Pampeano*, revelando uma sensibilidade estética e fria, conforme destaca Vitor Ramil (2004) no livro “A estética do frio”. Ao finalizar a Charla, escutamos a música “Chimarrão” de Vitor Ramil (2008) e lemos a poesia de Fernando Pessoa “O Guardador de Rebanhos” (1980), que potencializou as problematizações que permitiram emergir nas narrativas, o referido sentimento.

*Para mim um só existe por causa do outro e outro só existe por causa de um (trisos), mas é não tem, não existe ser pampeano sem o pampa, não existe pampa sem o ser pampeano, não tem como desconectar uma coisa da outra e, ao mesmo tempo, uma coisa*

*não é a outra, porque cada coisa é uma coisa, e elas só existem porque as duas coisas existem, assim. Eu sempre olho por esse jeito, por esse lado. E a diferença do ser pampeano e dessa pessoa que vivem o pampa, né, de fato assim, né, que passa, que eu observo, que sabe viver aqui e desse pampeano que como vários desses cantores, que, tipo, não são pampeanos, não moram no pampa, mas que cantam o pampa que é uma beleza, sabe, que é outra coisa, tipo, tá reconheço eles como admiradores do pampa, mas agora o ser pampeano, mesmo, essa pessoa, que sabe esta sensação de quebrar uma geada de manhã cedo, que não é uma vez na vida que vai ver aquilo ali, não, vive aquele cotidiano, ela sabe o que é aquilo, é ...ela é aquilo! (Dona Corunilha, 2018).*

No conjunto das narrativas se constroem verdades sobre o que é ser pampeano(a), é perceptível uma subjetividade que se apresenta no entrelaçamento com o pampa, manifestando um viver, um existir, um sentir pampeano, o qual se diferencia, no dito anterior, daqueles que somente admiram o pampa, não o vivendo cotidianamente. Diferente posicionamento expressa Aradia na sequência da conversa, pois menciona que determinados elementos extrapolam as fronteiras, os limites do pampa:

*É, eu fiquei pensando no Quero-quero, quando a gente chega e ouve o canto do quero-quero e deixa que o canto entre em ti, sabe, tu é o pampa, tu é o quero-quero, mas também, assim, alguém urbano lá, que vá não sei, me ocorreu isso agora, assim, quando eu morava em Porto Alegre eu ia muito na Redenção, caminhava muito na Redenção e eu me sentava e vinha um quero-quero e ficava ali no meu lado e no Jardim Botânico e eu me remetia assim ao pampa, numa imensidão, então eu sinto que esse mesmo quero-quero que está aqui, passa algo do pampa lá para quem nunca mora, nunca saiu de Porto Alegre, não sei, me ocorreu isso, ou ver um João-de-barro, e eu me senti, bah, onde esse passarinho vai, tá fazendo a casinha dele, a abertura desse ninho, né, ver um anu, não sei. **Eu acho que tem algo que extrapola mesmo a questão geográfica** (Aradia, 2018).*

Ao ir além da questão geográfica, são ressaltados elementos importantes para o *Sentimento Pampeano*, como a imensidão dos campos e o horizonte, características que, ao serem narradas, vão dando significações na produção do pampa e do sentimento que atravessa os sujeitos.

Para finalizar as análises desta seção, transcrevemos abaixo uma sequência de narrativas em que a sensibilidade e o amor pelo pampa ressurgem, delineando-se nas experiências de vidas relatadas. Ao abordar a filosofia na roda



de mate, buscamos o ensaio, o movimento, os deslocamentos que potencializam as provocações, os questionamentos e os tensionamentos possíveis:

*Mas sabe que eu fiquei pensando agora, eu não sei bem qual é o sentido que tu fala, eu sei bioma pampa, tá bioma pampa geograficamente, mas o que é ser um pampeano? Qual é o sentimento sobre o pampeano? Não sei, me veio isso assim. É onde de horizonte, onde tem amplitude? Não sei. Faz 15 anos que eu comecei a viajar e cada vez mais eu vejo assim como eu não vejo fronteira, nesses lugares. É tá mudando dentro de mim assim, é interessante e aí eu fiquei pensando assim, esse pampa... Há poucos dias eu revi um trecho, que o Paulo Paim fez, uma audiência pública sobre os biomas, ah me lembrei, uma audiência pública para o Bioma Pampa estar dentro dos biomas, porque não está ainda lá, está em discussão, e aí falou e tá, e uma gaúcha disse “Eu sou o pampa, o pampa está dentro de mim”, tá, eu sinto isso, o pampa dentro de mim, mas não sei se é algo passando assim em mim, que hoje eu vejo, sabe aquele, peruano que eu vou lá e fico lá em cima, não sei, tem alguma coisa que é muito interna assim, sabe. [...]Mas é claro que é outra coisa assim, mas é algo que parece que às vezes transcende assim, eu não sei, uma coisa que eu sinto no pampa, quando eu vejo um homem simples, assim oh, nós temos ali fora o M.A., não é um homem, é um anjo, sabe, é uma criança, é uma criança com corpo de homem. E que eu vejo ali o outro senhorzinho ali, que benze, é o que vejo lá uma que também que me mostra ali as ervas e ela benze. E eu vou lá em cima e vejo o curandeiro e falo com ele, e tá me parecendo que é tudo a mesma coisa (risos). É algo...(Aradia, 2018).*

*Sem fronteira, um sentimento...(Lala, 2018)*

*Um sentimento, um amor pelo lugar (Lala, 2018).*

Nas narrativas anteriores, aflora o *Sentimento Pampeano*, um sentimento aprendido, construído pelas experiências de vidas das mulheres-narradoras por intermédio de suas relações históricas e culturais com o pampa e com a natureza. Configura-se como um sentimento de pertencimento que é narrado por Aradia ao relatar as vivências de sujeitos e suas relações com o cuidado, com o amor ao pampa. Como vamos nos reconhecendo como mulheres ambientalistas do pampa? Que verdades vão nos construindo e nos fabricando mulheres atravessadas por um sentimento do pampa? Como nos produz o amor pelo lugar que é enaltecido e valorizado? A partir desses

questionamentos, provocamos o pensamento, nos desafiando-nos a problematizar o que nos move, o que nos tece e o que nos trama.

As relações que se estabelecem entre as pessoas e o pampa são fundamentais para que o *Sentimento Pampeano*, esse modo de pensar e viver esse lugar, produza práticas concretas no modo de vida dessas mulheres. Vale reafirmar que tal sentimento se produz dada suas experiências na vida cotidiana do pampa e nas suas tramas culturais de relações com aquilo que convenciamos afastar do humano: a natureza. Nas narrativas que seguem, visualizamos o modo como as narradoras deste estudo experienciam esta sensibilidade:

*E que é isso, que eu acho que é uma das coisas que eu mais admiro nessa região, porque quando eu vim para cá eu tinha doze anos, eu não era uma criança pequenininha, eu me lembro muito bem quando eu cheguei, e isso era uma coisa que me fascinou...eu nunca tinha morado num lugar que as pessoas tinham uma relação com o lugar tão forte, tão ímpar, quanto aqui, sabe, e isso é uma coisa que me chamou, e eu queria ser isso...uau! Eu quero isso para mim assim, sabe, porque é muito apaixonante gostar do lugar onde tu vive. E tu sim eu viajo, vou e tal, mas eu volto, porque eu realmente sou parte disso daqui, sabe, ou para onde eu for eu levo... (Dona Corumilha, 2018).*

*Levo, e me faz refletir nessa pessoa que tu tava falando ali, dessa audiência do Paulo Paim, o pampa tá dentro de mim e ele vai comigo, mas quando eu vi essas pessoas tão assim oh, que elas eram a sua terra, elas eram o seu lugar, isso foi muito forte em mim (Aradia, 2018).*

Ao analisarmos estas narrativas, detectamos que as mulheres-narradoras evocam o sentimento de pertencimento, elas sentem-se parte do lugar, do pampa, em uma relação intrínseca entre o humano e a natureza pampeana, produzindo, em seus cotidianos educações ambientais que aproximam essas relações com o pampa, com o lugar em que vivem. Somos pesquisadoras atravessadas por essas narrativas, como uma pesquisa-experiência provocamos, questionamos a nós mesmas, naquilo que nos constitui e nos move. Por meio desses relatos, evidenciamos que, no entrelaçamento entre cultura e natureza o *Sentimento Pampeano* torna-se parte dos sujeitos por ser muito forte e bastante ímpar, conforme explicitou Dona Corumilha.

A partir de um pensamento menor, é relevante pensar nas resistências possíveis e necessárias ao analisar as narrativas dessas mulheres, como também resistir ao que está dado como “natural” nas relações mulheres-natureza, no pampa gaúcho. Dessa maneira, nosso desejo foi apresentar uma estética do “menor” ao compartilhar conversas, mates e experiências de vida.

## ALGUMAS (OUTRAS) CONSIDERAÇÕES

No presente artigo, debruçamo-nos sobre algumas narrativas de mulheres ambientalistas que vivem no pampa gaúcho. Em nosso estudo, todavia, algumas verdades foram apresentadas e evidenciadas, ao passo que outras apenas provocadas. Nas narrativas analisadas, assim como em outras, é possível identificar a recorrência de uma relação de pertencimento ao pampa, a partir do vínculo humano-natureza, o qual é marcado pela trajetória cultural e histórica.

Na frase, “Eu sou do pampa, o pampa sou eu”, ecoam as vozes destas mulheres atravessadas, mobilizadas pelo que chamamos de *Sentimento Pampeano*, marcadas pelos modos de ser, viver e de se relacionar com a natureza e com o pampa. Por meio de suas narrativas, elas contam a respeito de seus cotidianos, relatos que são atravessados pela educação ambiental, pela cultura e história pampeana. Com a vontade de olhar a educação ambiental nos interstícios pampeanos, lançamos-nos nesta pesquisa, a qual encerramos com muitas inquietações acerca das possíveis educações ambientais e perspectivas de continuidade nos estudos sobre educações ambientais menores. Esse estudo nos levou a novas possibilidades, a novos horizontes de investigações acerca de nosso campo de saber que é a educação ambiental.

É possível uma educação ambiental menor? Talvez seja se conseguirmos deslocar o olhar e considerarmos as ações cotidianas, as micropolíticas expressas nas práticas pedagógicas que buscam uma desterritorialização, afastando-se de uma educação ambiental que ensina o que fazer e como fazer nas relações com o Planeta e com o lugar em que vivemos e com os problemas que enfrentamos. Não se trata de receitas do como fazer educação ambiental. Trata-se bem mais de potencializar o pensamento para criação de outros possíveis na seara da EA.

Ao finalizarmos, ansiamos pela potência de provocar em nós e em outros/as pesquisadores/as uma escuta da diferença, por criar uma máquina de intensidades e sons para ir além do já dado e estipulado para a educação ambiental. Buscamos no encontro com as mulheres-narradoras a possibilidade

de tecer a arte e a filosofia para pensarmos juntas, educações ambientais possíveis, modos de ser e de viver o pampa na atualidade.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Lizandro. Picaço Oveiro. Intérprete: Lizandro Amaral. In: **16ª Vigília do Canto Gaúcho** – Cachoeira do Sul, RS, 2005. Disponível em: <https://youtu.be/42a5UZnalFo>. Acesso em: 11 de novembro de 2018.

CONNELLY, Michael & CLANDININ, Jean. Relatos de experiencia e investigacion narrativa. In: LARROSA, Jorge. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka, para uma literatura menor**. Editora Assírio & Alvim. Lisboa: 2003.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003. 153 p.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-222.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política. Ditos & Escritos V**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 392p.

GODOY, Ana. O modelo da natureza e a natureza do modelo. **São Paulo em Perspectivas**, n.º 14, v.4, p. 129-138, 2000.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Editora da USP, 2008. 336p.

GODOY, Ana. Nietzsche-Foucault-Deleuze-Guattari: a EA e a potência do pensamento minoritário, um diálogo intempestivo. In: CALLONI, H.; CORRÊA DA SILVA, P.R.G. **Contribuições à Educação Ambiental**. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2010.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG**, v. 33, n.1, p. 87-101, jan./jun. 2008. Disponível em:



<https://revistas.ufg.br/interacao/article/viewFile/4244/4174> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

HENNING, Paula C. e SILVA, Gisele R. Rastros da Educação Ambiental. O dissenso como potência criadora. In: HENNING, Paula C.; MUTZ, Andressa; VIEIRA, Virgínia T. (orgs). **Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. Curitiba/PR: Appris Editora, 2018, p. 151-162.

PESSOA, Fernando. **O Eu profundo e os outros Eus**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980. 280p.

RAMIL, Vítor. **A estética do frio**. Pelotas: Satolep Livros, 2004. 55p.

RAMIL, Vítor. Chimarrão. In: **Délibáb**, 2008. CD.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei Estadual nº 12.992**, de 13 de junho de 2008. Declara a Estátua do Laçador integrante do patrimônio histórico e cultural e escultura-símbolo do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: [http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/LEIS\\_DECRETOS/IEI%2012.992%20-%20Est%C3%A1tua%20do%20la%C3%A7ador.pdf](http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/LEIS_DECRETOS/IEI%2012.992%20-%20Est%C3%A1tua%20do%20la%C3%A7ador.pdf) Acesso em 09 de janeiro de 2018.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M. e CARVALHO, I. (orgs.) **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 17-44.

SCHLEE, Renata Lobato. **A vida, a arte e a Educação Ambiental nos atravessamentos de uma natureza pampeana**. (Tese de Doutorado). PPGA/FURG, Rio Grande, 2018.

VIEIRA, Virgínia T.; HENNING, Paula C.; RODRIGUES, Carla G. A música como uma possibilidade de respiro ao campo da educação ambiental. In: HENNING, Paula C.; MUTZ, Andressa; VIEIRA, Virgínia T. (orgs). **Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. Curitiba/PR: Appris Editora, 2018, p.201-211.

VIEIRA, Virgínia Tavares. **Naturalismo Poético-pampeano: uma potência musical do pensar**. (Tese de Doutorado). PPGA/FURG. Rio Grande, 2017.



*Recebido em 12 de fevereiro de 2020*

*Aprovado em 29 de maio de 2020*